

(aprendendo)

Direitos Humanos com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 46, junho 2019, Trabalhadores Anônimos]

"Saí de Alagoa Grande/PB para não morrer de fome"

por **Gerson Lourenço da Silva**

[Empalhador no Rio de Janeiro]

Empalhar cadeiras é um dos serviços que resiste à cultura do descartável. A persistência nos levou ao Empalhador Gerson Lourenço da Silva, 49 anos, nascido no agreste da Paraíba, em Alagoa Grande. Da terra de Margarida Maria Alves (sindicalista assassinada em 1983 por defender os direitos dos trabalhadores rurais), Gerson começou a trabalhar aos oito anos na roça com sua família; aos 25, veio para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida, deixando três filhos com a ex-mulher sem ter mais contato. *"Sem dinheiro não consegue nada na vida, né?"* Arrependeu-se e, anos depois, procurou os filhos, mas sente a tristeza pelos laços esgarçados...

*"Existem vidas!**Vidas tristes, vidas alegres, vidas úteis, vidas inúteis, vidas molhadas...**Vidas secas."**(Graciliano Ramos, Vidas Secas)*

No Rio, trabalhou na construção civil. Um dos milhares de vítimas da crise, como alternativa ao desemprego, há dois anos aprendeu rápido o ofício de empalhador com o irmão que tem 30 anos na profissão. *"Não tenho um ponto fixo. Vim pra cá porque é melhor, a gente se ajuda [há outros ambulantes no local], mas é ruim não ter garagem, uma loja. Tenho um banquinho de ferro, às vezes dá um cansaço, o tempo todo numa posição só. De manhã faço alongamento."*

Os clientes trazem ou ele pega os móveis e continua o serviço em sua própria casa fazendo de tudo um pouco. Eles confiam, vêm até de outros bairros. *"Alguns acham o serviço caro, mas negociando, dando desconto ganho até caixinha. Meus produtos duram, mas as pessoas preferem coisas que poluem."*

Gosta da sua ocupação pela liberdade e pouco esforço e risco de acidente comparado à construção civil. Como empalhador teve "cortezinhos" no dedo. Na construção civil furou o pé com prego e viu um colega se acidentar (*"a prancha arrancou seu capacete"*). Nunca adoeceu por conta do trabalho, mas... *"nem tudo são flores..."* Há épocas com poucos clientes, carnaval, feriados... Ainda assim não desanima. Persiste fazendo outros serviços de acabamento (lixa, verniza, cola etc).

Refém da seca, do trabalho infantil, da crise, dos desamores..., sem chances de estudar até chegar ao Rio, Gerson simboliza os milhares de trabalhadores brasileiros que seguem em frente, superando obstáculos, buscando saídas. Apesar das adversidades, mantém o bom humor em conversa tranquila e fácil. Gosta de uma boa cerveja, churrasco, forró e sertanejo... *"Qual seu sertanejo preferido?"* Ri, envergonhado, mas arrisca uns versos da dupla **Milionário & José Rico**: *"... Para ser um grande homem tem que ter a majestade da grande mulher. Hoje eu quero, na canção agradecer, mais uma vez, todo bem que nesta vida você já me fez, olha aqui minha mulher, eternamente meu amor" (Majestade, A Mulher)*. *"Não sonho mais não."* Queria só continuar os estudos além da 4ª série. Tenho casa própria no Nordeste; aqui moro de aluguel, mas vivo sozinho. Costumo dizer aos colegas: *"É preciso a pessoa trabalhar, saber negociar, saber usar o dinheiro. Não adianta trabalhar muito não, que você vai se aposentar do mesmo jeito."* ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.